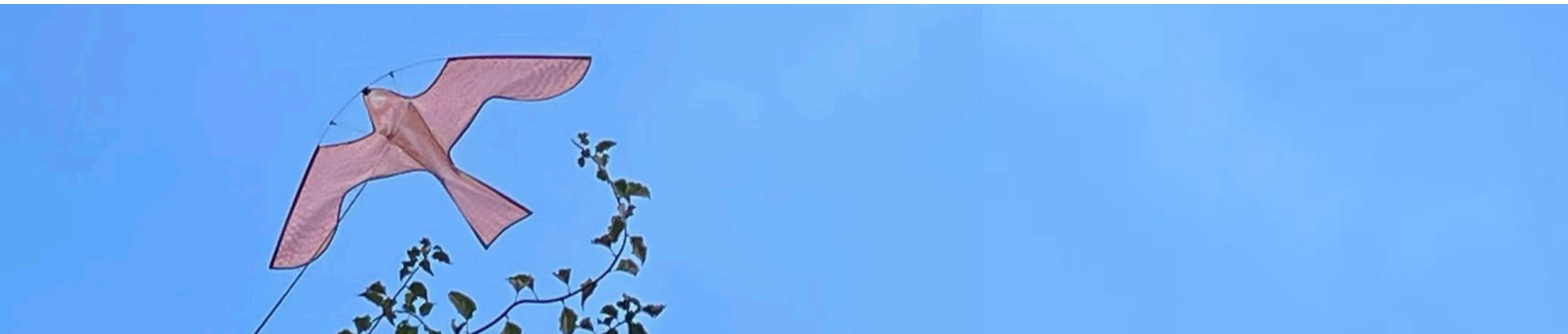




A GALERIA JAIDER ESBELL DE ARTE INDÍGENA CONTEMPORÂNEA:  
ESPAÇO EXPOSITIVO, ESPAÇO DE LUTA

Vinícius Luge Oliveira<sup>1</sup>

Ivete Souza da Silva<sup>2</sup>

THE JAIDER ESBELL GALLERY OF CONTEMPORARY INDIGENOUS ART:  
AN EXHIBITION SPACE, A SPACE FOR STRUGGLE

LA GALERÍA DE ARTE INDÍGENA CONTEMPORÁNEO JAIDER ESBELL:  
UN ESPACIO DE EXHIBICIÓN, UN ESPACIO DE LUCHA

---

1 Professor na Universidade Federal de Roraima (UFRR). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6403288758630310>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7864-6800>. Email: [v\\_luge@hotmail.com](mailto:v_luge@hotmail.com)

2 Professora na Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4056290560443523>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9895-0957>. Email: [ivetesouzadasilva@yahoo.com.br](mailto:ivetesouzadasilva@yahoo.com.br).

RESUMO

O presente artigo busca debater o papel da Galeria Jaider Esbell de Arte Indígena Contemporânea, um dos únicos espaços expositivos em Roraima, no contexto de ataque a população indígena e a sua organização de resistência. Para tal empreitada foi utilizada uma pesquisa bibliográfica que parte de uma interlocução entre teorias que investigam o capitalismo sul-americano, em geral e, o brasileiro, em específico. O surgimento de espaços expositivos públicos, os museus, na Europa pela burguesia e sua quase inexistência no estado de Roraima, para uma compreensão da relação mais ampla sobre os espaços expositivos em um estado periférico brasileiro e dos ataques que os povos indígenas em Roraima sofrem. Junto a isso, com os textos do criador da referida galeria, buscamos entender esse espaço expositivo, na totalidade histórico-social de afirmação e resistência dos povos originários no norte brasileiro. Concluimos que a Galeria Jaider Esbell de Arte Indígena Contemporânea para além de um espaço expositivo é um espaço de luta coletiva, de denúncia e anúncio desses povos.

**Palavras-chave:** Jaider Esbell; Arte Indígena Contemporânea; Galeria; Espaço Expositivo.

ABSTRACT

This article seeks to discuss the role of the Jaider Esbell Gallery of Contemporary Indigenous Art, one of the only exhibition spaces in Roraima, in the context of attacks on the Indigenous population and their resistance organizations. This endeavor utilized bibliographical research that began with an interlocution between theories investigating South American capitalism in general and Brazilian capitalism in particular. The emergence of public exhibition spaces—museums—in Europe by the bourgeoisie and their near-non-existence in the state of Roraima, for an understanding of the broader relationship between exhibition spaces in a peripheral Brazilian state and the attacks suffered by Indigenous peoples in Roraima. Along with this, through the writings of the gallery's creator, we seek to understand this exhibition space within the historical-social context of affirmation and resistance of Indigenous peoples in northern Brazil. We conclude that the Jaider Esbell Gallery of Contemporary Indigenous Art, more than just an exhibition space, is a space for collective struggle, denunciation, and proclamation of these peoples.

**Keywords:** Jaider Esbell; Contemporary Indigenous Art; Gallery; Exhibition Space.

RESUMEN

Este artículo busca discutir el rol de la Galería Jaider Esbell de Arte Indígena Contemporáneo, uno de los pocos espacios expositivos de Roraima, en el contexto de los ataques a la población indígena y sus organizaciones de resistencia. Este trabajo se basó en una investigación bibliográfica que comenzó con una interlocución entre teorías que investigan el capitalismo sudamericano en general y el capitalismo brasileño en particular. El surgimiento de espacios públicos de exhibición —museos— en Europa por parte de la burguesía y su casi inexistencia en el estado de Roraima, para comprender la relación más amplia entre los espacios expositivos en un estado periférico brasileño y los ataques sufridos por los pueblos indígenas en Roraima. Junto con esto, a través de los escritos del creador de la galería, buscamos comprender este espacio expositivo dentro del contexto histórico-social de afirmación y resistencia de los pueblos indígenas del norte de Brasil. Concluimos que la Galería Jaider Esbell de Arte Indígena Contemporáneo, más que un simple espacio expositivo, es un espacio para la lucha colectiva, la denuncia y la proclamación de estos pueblos.

**Palabras clave:** Jaider Esbell; Arte Indígena Contemporáneo; Galería; Espacio expositivo.

## INTRODUÇÃO

O Brasil se caracteriza não só pela imensa dimensão territorial e a diversidade de produções artísticas culturais que nele ocorrem, mas também pela imensa desigualdade entre as regiões e, dentro delas, os estados nessas regiões. O presente texto tratará especificamente da conjuntura do estado mais setentrional do país, Roraima. Olharemos para como um caso específico de construção de um espaço expositivo, a Galeria Jaider Esbell de Arte Indígena Contemporânea, se articula com a conjuntura histórica de demarcação de territórios e tomada de consciência sobre o papel protagonista que os povos indígenas exigem ter.

Para isso precisamos realizar uma pequena retomada histórica sobre os acontecimentos em Roraima, que são o solo fértil das contradições que organizam o plano de fundo no qual está inserido o espaço expositivo aqui tratado. Plano esse, que visto de forma mais ampla, olhando o conjunto das lutas indígenas no Brasil, possibilitou a chamada por Esbell (2021), década da Arte Indígena Contemporânea. É nesse caldo de lutas, fervente como uma damurida<sup>3</sup>, que os povos indígenas demarcaram essa década e a galeria foi mais uma pimenta nele, para fazer arder a cultura karaiwá<sup>4</sup>.

## LUTA PELA VIDA, LUTA PELA TERRA

Um ponto fundamental para conhecer o estado de Roraima é ter presente que ele é um estado periférico na produção de riquezas no Brasil. Portanto, é vítima da imensa desigualdade na apropriação da riqueza produzida nacionalmente pela classe trabalhadora (Oliveira, 2024). Por não ser um estado industrializado, tem uma burguesia vinculada a

3 Comida indígena consumida pelos povos Makuxi, que consiste em um caldo com pimentas e alguma proteína animal.

4 Homem Branco, na língua macuxi.

produção agrícola e, mesmo não sendo legalizada, a atividade garimpeira. Nessas duas dimensões de atuação do capital é necessário, para que elas ampliem sua exploração, o ataque direto a grande população indígena do estado. Seja na ampliação da área agricultável, fazendo crescer continuamente a fronteira agrícola, seja no garimpo ilegal em terras indígenas, ricas nos mais diversos materiais como ouro, diamante, cassiterita, etc. Na prática, tanto em um caso, como no outro, resulta a necessidade de expulsão da floresta e morte da população indígena do estado, que proporcionalmente, tem o maior número de indígenas da federação, são cerca de 15% da população residente (SEPLAN-RR, 2020) e da destruição da floresta. Podemos lembrar do caso do genocídio do povo Waimiri-Atroari na construção da BR-174 (2012) e do povo Yanomami durante o governo Bolsonaro (2018 – 2023), com o aumento do garimpo.

Tal situação fica mais dramática quando no estado ainda existem grupos indígenas que não tiveram contato com indivíduos não indígenas e alguns que não querem ter contato com indígenas que já tiveram esse contato. Sobre isso a Fundação Nacional dos Povos Indígenas (FUNAI) afirma:

A denominação “povos indígenas isolados” se refere especificamente a grupos indígenas com ausência de relações permanentes com as sociedades nacionais ou com pouca frequência de interação, seja com não-índios, seja com outros povos indígenas.

Os registros históricos demonstram que a decisão de isolamento desses povos pode ser o resultado dos encontros com efeitos negativos para suas sociedades, como infecções, doenças, epidemias e morte, atos de violência física, espoliação de seus recursos naturais ou eventos que tornam vulneráveis seus territórios, ameaçando suas vidas, seus direitos e sua continuidade histórica como grupos culturalmente diferenciados.

Esse ato de vontade de isolamento também se relaciona com a experiência de um estado de autossuficiência social e econômica, quando a situação os leva a suprir de forma autônoma suas necessidades sociais, materiais ou simbólicas, evitando relações sociais que poderiam desencadear tensões ou conflitos interétnicos. (FUNAI, 2021, p.01)

Esses são alguns elementos que estão presentes em Roraima e complexificam a situação. Isso em um território com mais de 10 povos indígenas, que possuem inclusive troncos linguísticos diferentes, em que a luta pela manutenção de suas terras é o centro das contradições com o capitalismo, vide os casos de demarcação de terras indígenas, como a Terra Indígena Raposa Terra-do-Sol, que é demarcada em 2008 e a disputa em 2025 contra o Marco Temporal que quer limitar a marcação de terras às ocupadas por indígenas em 1988, desconsiderando os processos de expropriação centenários que ocorreram.

Perceber a luta pela terra como elemento central, não implica na redução das lutas dos povos indígenas a esse elemento. Ela é mais ampla. Perpassa a organização coletiva na luta pela terra dos povos, mas inclui a importância da organização indígena para ter acesso à saúde, à educação, na defesa de seus conhecimentos e modos de vida, etc. A Galeria Jaider Esbell de Arte Indígena Contemporânea, criada no ano de 2013, pelo artista Jaider Esbell, é fruto dessas lutas.

Para além desses elementos há também, no que tange ao particular campo das artes visuais, um vácuo no estado de Roraima quanto a existência de espaços expositivos. O que torna a existência da galeria um marco da disputa no campo cultural, de forma geral e, nas artes visuais, de forma específica.

## Um estado sem museus

Nesse contexto extremamente violento, ainda temos uma conjuntura que expressa a condição periférica de Roraima, dentro de um país dependente (Marini, 2017). Nele não há nenhum museu<sup>5</sup> há mais de uma década. Seja de arte, seja de qualquer outro tipo (história natural, indígena, etc.). Esse fato explicita o perfil da própria burguesia local. O estado burguês roraimense nem mesmo construiu algumas instituições que se espalharam pelo mundo no processo das revoluções burguesas na Europa, como os museus públicos.

Em 1793 tinha sido inaugurado o Museu do Louvre, o primeiro museu público e o modelo de todos os criados posteriormente [...] o Prado partilhava com o Louvre o objetivo de trazer para a luz os tesouros artísticos conhecidos até ao momento e só desfrutados por um grupo muito reduzido de pessoas pertencentes à realeza, à aristocracia ou à igreja. Esta ideia de levar a arte ao domínio público tinha a sua origem no Iluminismo e uma evolução revolucionária e, como muitas outras ideias, espalhou-se por toda a Europa graças às invasões napoleônicas. (Pancorbo, 2016, p.9)

Esta conjuntura acaba reduzindo os espaços expositivos no estado para apenas dois que são vinculados a esfera privada, um com verbas públicas e outro independente dessas verbas. Um deles é a Galeria Franco Melchiorri, espaço vinculado ao SESC – Roraima, que é um espaço privado construído por recursos públicos. O SESC usa parte das contribuições feitas por empresas e repassadas pelo governo federal à

5 Para maiores informações, ver <https://g1.globo.com/rr/roraima/noticia/2023/05/18/unico-museu-de-roraima-e-demolido-apos-mais-de-uma-decada-abandonado-e-especialistas-lamentam-historia-apagada.ghtml>.



entidade patronal responsável, que no caso, o braço do Sistema S<sup>6</sup> da Confederação Nacional do Comércio.

A Galeria Jaider Esbell de Arte Indígena Contemporânea é o outro espaço expositivo existente em Roraima. Criada em 2013 pelo artista Jaider Esbell, demarca, no campo das artes visuais, o avanço da luta dos povos indígenas na sua organização coletiva para a conquista de direitos. Expressa também uma luta que nos diferentes momentos históricos, tem distintos posicionamentos ideológicos hegemônicos (socialistas, anticapitalistas, reformistas, liberais, etc.) que são definidos por diferentes termos (posicionamentos anti-coloniais, dentro de uma antropofagia-cultural, pós-coloniais, descoloniais, decoloniais, etc.). Para além das diferenças, eles expressam a exploração dos países centrais do capitalismo sobre os países dependentes e suas colônias. Problematicando com maior ou menor radicalidade o domínio da sociabilidade burguesa na totalidade da vida social, fato que é explicitado por Hadjinicolaou (2024) no que tange a especificidade do campo da teoria da História da Arte.

[...] com a extensão, a partir de 1945, do mercado do 'livro de arte' que apresenta cada vez mais o atrativo de oferecer boas reproduções a cores, um vasto público está a mercê dessas 'introduções' quer líricas, quer enciclopédias, mas de qualquer modo falsificadoras. O que não deve escapar-nos é a função social dessa produção que transmite obstinadamente os valores das classes dominantes através do inofensivo 'amor pela arte'. (Hadjinicolaou, 2024, p. 14)

---

6 Em 2023 foram repassados R\$ 26,92 bilhões ao Sistema S. Informação disponível em: <https://www.fetiesc.org.br/2024/07/caixa-preta-so-em-2023-o-sistema-s-consumiu-r-2692-bilhoes-de-recursos-publicos/#:~:text=Not%C3%ADcias,.CAIXA%20PRETA%3A%20S%C3%B3%20em%202023%20o%20Sistema%20S%20consumiu%20R,92%20bilh%C3%B5es%20de%20recursos%20p%C3%BAblicos&text=S%C3%B3%20em%202023%2C%20o%20governo,compara%C3%A7%C3%A3o%20com%20o%20ano%20anterior.> Acessado em 14/03/2025.



A invisibilização criada pela burguesia da diversidade existente entre as produções da classe trabalhadora, da contribuição dos povos explorados no avanço artístico, cultural e científico, inclusive, nos próprios países centrais do capitalismo, muitas vezes englobados dentro do vago e impreciso conceito de “ocidente”, projeta também como natural, uma centralidade masculina, heterossexual, cisgênera e branca. Evocando os valores das classes dominantes dos próprios países centrais do capitalismo.

A criação em 2013 de uma galeria exclusiva de arte indígena contemporânea, é a demarcação de um território indígena, que se coloca frente a este estado de coisas. É especificamente sobre ela que trataremos a seguir, após essa sumária contextualização da conjuntura mais geral.

### **Galeria Jaider Esbell de Arte Indígena Contemporânea: um espaço arte, luta e educação**

Como pesquisador, eu adotei as linguagens artísticas como forma de fazer política e a escrita na língua do colonizador é uma maneira de tornar traduzível para as mais diferentes línguas possíveis aquilo que por si só não tem bastado. São recorrentes as cenas de injustiça secular velada, negada e estruturalmente legalizada contra nossas nações originárias por parte do Estado nacional com a conivência internacional. Acaba que é preciso desenvolver uma nova forma de fazer tais denúncias, pois os movimentos clássicos de resistências chegam em um patamar de estagnação. Não temos conseguido causar indignação na opinião pública e nossas demandas são engavetadas no parlamento por falta de pressão popular. (Esbell, 2020, p. 34)

Não há como falar da Galeria Jaider Esbell, sem falar de Jaider Esbell (1979 – 2021). O Artista, curador, escritor e educador fez da arte, uma forma de debater as questões indígenas, era a sua armadilha para tratar de outros tratos. Indígena da etnia Makuxi, nascido no município

de Normandia, atual Terra Indígena Raposa Serra do Sol, viveu em sua terra natal até os 18 anos de idade, quando decidiu migrar para a capital Boa Vista com o objetivo de realizar uma graduação universitária e dar segmento às suas ideias em prol do anúncio da existência do seu povo. Cursou Geografia na Universidade Federal de Roraima e atuou no funcionalismo público na Eletronorte/Eletronorte onde estrategicamente criou as condições materiais para a concretização de seu projeto maior que era fazer da arte, algo que desde criança o interessava, um instrumento de “armadilha enquanto estratégia contracolonial” (Esbell, 2021, p. 31) trazendo os povos indígenas para o centro do debate político, com protagonismo.

Por meio da arte, considerada por ele como a “linguagem universal” (Esbell, 2014) atuou com protagonismo nas lutas dos povos indígenas de Roraima e do Brasil, tornando-se uma liderança para seu povo e para muitos povos indígenas. Sua capacidade de articulação possibilitou não só reunir as diferentes etnias indígenas de Roraima, mas construir espaços de diálogo entre elas, fortalecendo assim as lutas particulares e coletivas desses povos tão diversos.

Sou Macuxi mas venho representando no mínimo onze etnias, que é o coletivo que eu represento. Temos um projeto coletivo artístico e cultural indígena chamado “A reinvenção do tempo na perspectiva dos netos de Macunaima: artistas indígenas roraimenses e suas cosmovisões em artes visuais tradicionais e contemporâneas”. Embora Macunaima não seja o único deus das onze etnias, foi um consenso utilizar o nome dessa divindade pela representatividade de transcendência que teve, através da fama que se adquiriu no Brasil, especialmente através do livro de Mário de Andrade (embora nosso trabalho de Macunaima não tenha nada a ver com o trabalho de Mário de Andrade). Esse projeto coletivo está começando a se ramificar por várias vertentes, e tem a data inicial de 2011, quando a gente colocou todo o projeto no papel. (Esbell, 2014, p. 255)

Tendo como eixo central a ideia do coletivo, articulou ações artísticas, educativas e culturais atuando como um grande curador de arte e das lutas dos povos indígenas de Roraima e do Brasil. Embora a escrita do “projeto coletivo” ocorra em 2011, é em 2013 que surge a primeira ação desse coletivo: o I Encontro de todos os Povos. O evento pretendia apresentar para a sociedade roraimense os artistas indígenas e a arte produzida por eles, mas, sobretudo, discutir as possíveis formas de apropriação e incorporação do arsenal cultural produzido pelo colonizador.

Realizamos nosso primeiro encontro de todos os povos, do dia 11 ao 19 de abril no ano de 2013, na cidade de Boa Vista, simultaneamente com outras festas que estavam acontecendo em outras comunidades das nossas terras indígenas. Nele se reuniram dez etnias da floresta amazônica, da região de savana, os indígenas que moram na cidade e os indígenas que moram na montanha. Cada ambiente desse tem uma influência muito grande na cosmovisão desses povos e a muito tempo eles se comunicam. A intervenção do europeu interrompeu divergências que haviam inter-tribos, forçando-as a se comunicarem para sobreviver mutuamente. (Esbell, 2014, p. 255)

Esbell acreditava que a reelaboração da cultura indígena, dada pela incorporação da cultura do colonizador, era um caminho sem volta e que, portanto, era necessário discuti-la e usá-la a favor das lutas dos povos indígenas. A apropriação das linguagens e expressões artísticas era um exemplo disso e a arte poderia ser um caminho possível para a manifestação da cultura indígena.

Nesse projeto a gente conseguiu reunir artes plásticas, que é uma comunicação nova entre os povos indígenas, a literatura, que é uma nova habilidade entre os indígenas, assim como a fotografia, o audiovisual, as vivências, o artesanato, que é milenar, a música milenar, a dança milenar, a culinária, bebidas, cerâmica, trançados, oralidade e também as pinturas corporais como uma comunicação que evoluiu junto com a nossa própria origem (Esbell, 2014, 256)

Nesse contexto a Galeria Jaider Esbell de Arte Indígena Contemporânea se constitui como um espaço de demarcação e luta pelos espaços retirados dos povos indígenas ao longo do processo de colonização, iniciado no Brasil em 1500, e na região onde hoje é o estado de Roraima, por volta de 1610. A luta pela vida, pressupõe a luta pelo território e, com ele, o direito do exercício da cultura.

Aqui falamos do estado pleno, do índio como senhor de seu tempo, que trafejou na história dissipada e se vê no agora escrevendo livros, publicando conselhos para se auto recordar. Como é viver na modernidade? Como manter-se presente se não dissermos quem somos? Se não o somos como tais, nada seremos e vagaremos indigentes nas vias das grandes incógnitas. É nesse mostrar-se, nesse dizer coletivo que reside toda a força da arte entre os índios e não na ideia central de um ponto fixo para a pura abstração do outro externo. (Esbell, 2016, p. 16)

A criação da Galeria Jaider Esbell de Arte Indígena Contemporânea ocorre também em 2013, após o I Encontro de Todos os Povos. Nasce com o propósito de manter viva a memória dos povos indígenas, fazendo assim, o movimento anunciado por Jaider de reinventar formas de existir no contexto da modernidade, para poder dizer quem são e o que querem. Edificando-se como um espaço de resistência dos povos indígenas de Roraima e das Américas, abrigando trabalhos de artistas de diferentes etnias, pesquisas desenvolvidas na e sobre a temática indígena,

material audiovisual e variados elementos de manifestação cultural e artística dos povos indígenas. Segundo Esbell<sup>7</sup>(2014) a criação da Galeria ocorre, também, como forma de buscar/ proporcionar/criar condições para a possibilidade de “repatriação” dos objetos e artes indígenas levados pelos povos colonizadores europeus. A Galeria seria, então, um possível “espaço de intercâmbio” para essa prática, o que, como menciona o artista, não ocorreu ainda devido à não abertura da Europa para a efetivação desse discurso. Aqui vale lembrar da repatriação do Manto Tupinambá que ocorreu em julho de 2024, estando este, atualmente, integrando o acervo do Museu Nacional. O movimento de repatriação de objetos e artes indígenas é muito recente e seu início se dá graças aos movimentos políticos e de re-existência que os povos indígenas vêm praticando ao longo da história.

A arte tem sido uma dessas frentes de luta e, em Roraima, seu fortalecimento acontece após o ano de 2011, quando enfim se consegue idealizar, planejar e executar ações de um projeto coletivo mais amplo, que reúne o que os artistas indígenas vinham fazendo solitariamente em suas comunidades.

O nosso coletivo de artistas indígenas tem como projeto a busca da autonomia, da coletividade, da originalidade, do diálogo, da consolidação de parcerias, da formação crítica, a conscientização política, a construção de novas alternativas, a interação com outros movimentos sociais, o reforço do movimento indígena por meio da arte e experimentar um caminho para a sustentabilidade; buscar maior representatividade e participação social, atuar ativamente em assuntos de interesse global - como a questão da preservação da Amazônia. (Esbell, 2014, p. 258)

<sup>7</sup> Declaração disponível no endereço: <https://www.youtube.com/watch?v=WRHdt5WZhMw>. Acessado em 14/03/2025.

Dentro dessa perspectiva do “coletivo de artistas indígenas” mencionado por Esbell, a Galeria Jaider Esbell de Arte Indígena Contemporânea vem atuando desde a sua criação até a atualidade. O Encontro de Todos os Povos com suas três edições (2013, 2014 e 2016) é um marco na história e criação da galeria e da carreira do artista makuxi, sendo uma das principais ações organizadas e capitaneada por essa instituição de arte, pois lança o projeto que vai circunscrever as demais ações organizadas e vivenciadas por Jaider Esbell, que, mesmo quando atua de forma individual, leva consigo o coletivo e sua representatividade, conforme menciona o artista indígena Makuxi Bartô (2021).

Com o propósito de redimensionar a luta dos povos indígenas de Roraima, o Encontro de Todos os Povos aborda temáticas estratégicas. Em sua primeira edição (2013) o encontro traz o debate acerca da ocupação das terras indígenas com a figura da vaca, animal usado pelo colonizador para se apossar das terras indígenas na região Circum-Roraima e demarcar seu espaço. “As Vacas nas terras de Makunaima: de malditas e desejadas” foi a inspiração que gerou as denúncias das lutas dos povos indígenas e o anúncio da existência de inúmeros artistas indígenas que até então produziam solitariamente. O minidocumentário “*Komanto’ – a arte dos filhos de Makunaima*” é um dos resultados da ação e pode explicitar melhor as ideias e objetivos do coletivo de artistas. Em 2014 com o tema “Meu vizinho Karaiwá” os artistas indígenas discutem no *II Encontro de Todos os Povos* a relação dos povos indígenas com os não indígenas – os karaiwá - e os resultados e impactos dessa “vizinhança”, tanto para a existência e sobrevivência das culturas indígenas como para as condições de vida em que nos encontramos hoje no planeta. No terceiro e último encontro realizado em 2016 os artistas discutem em suas obras a “Paisagem e a Diversidade Nativa” a partir da participação, da presença e ausência indígena nesse lugar. O protagonismo dos povos indígenas é discutido nesta edição de encerramento que convida a refletir sobre a possibilidade de novos ou outros caminhos para as questões humanas e planetárias a partir da perspectiva dos povos indígenas.

O mundo precisa de rumo. Os indígenas ainda vivem e podem ter um, mas estão invisíveis. Sem pretender possuir a grande saída, artistas falam de trajetória, de ancestralidades, da teia da vida e da harmonia com a natureza. Poderiam saberes e poderes ancestrais fazer conexão com o conhecimento científico e a tecnologia de ponta? Poderia, mas é preciso que o conhecedor de ancestralidades seja visto como tal. (Esbell, 2017, Encontro de Todos os Povos)

No anúncio constante da existência dos povos indígenas e das suas ideias de rumos possíveis para um mundo que está em colapso, a Galeria Jaider Esbell trava suas lutas pela terra, pela vida e pela existência, pois para os povos indígenas a terra é a vida e a possibilidade da nossa existência enquanto gênero humano. Uma ideia simples e lógica, mas que nós, os karaiwá, ainda não compreendemos. Nessa caminhada de denúncias, a Galeria Jaider Esbell de Arte Indígena Contemporânea não tem o propósito de enfeitar suas paredes armazenando obras de arte para os poucos que tem acesso, mas, ao contrário, quebra toda e qualquer ideia de fronteira e com um Projeto de Itinerância realizado no período de 2016 a 2019 circula pelo mundo com a exposição *It was Amazon* passando por várias cidades brasileiras, incluindo capitais, como por exemplo: Boa Vista-RR; São Luís-MA; Teresina-PI; Fortaleza-CE; Natal-RN; João Pessoa-PB; Serra Talhada-PE; Triunfo-PE; Florianópolis-SC; Porto Alegre-RS; Juazeiro-BA; Caçapava-SP e Petrópolis-RJ.

Recado para quem vem buscando “dar espaço” para a arte indígena contemporânea, e para a figura do artista indígena: [...] toda exposição de arte indígena deve ser antes de tudo uma denúncia internacional. Denunciamos o genocídio direto secular e os direcionados com ecocídio nas queimadas criminosas, garimpo e afins ilegais, deflorestamento, evangelização, grilagens, pistolagem, escravidão. Recorte curatorial básico e obrigatório. (Esbell, 2019. facebook em 24 de novembro de 2019)



É sempre com o recorte curatorial de denúncia que Jaider Esbell articula as ações da Galeria de Arte Indígena Contemporânea, levando com ele artistas indígenas de Roraima e estabelecendo parcerias com artistas indígenas de diferentes regiões do Brasil e das Américas. É com a ideia de coletivo que a Galeria Jaider Esbell participa, na condição de parceira da Fundação Bienal de São Paulo, da 34ª Bienal, tendo o artista Jaider Esbell como curador da exposição [“Moquém\\_Surarî: arte indígena contemporânea”](#).

Um outro sistema de arte possível pode estar sendo semeado. É o sistema próprio das artes dos povos originários que se minimiza para caber no mundo restritivo desquali e desquantificante do pensamento arcaico do mundo moderno, o insustentável domínio do pensamento branco. Foi pensando em expansão, trânsito, movimento, coletividade, tecnologia, fluxo, estratégia, ação integrada e tantas outras ondas positivas que propus que nossa exposição se chamasse Moquém\_Surarî. É que me parece mesmo que, ao menos aqui no Brasil, estamos vivendo esse momento. Um moquém não se faz só. É preciso que haja gente esperando em casa, nas comunidades, para que os caçadores se empenhem. É preciso que haja fome de vida para que os bichos apareçam e se entreguem ao abate para servir de nutrição, de alento e instrução. (Esbell, 2021, p. 15-15)

A mostra ocorreu no Museu de Arte Moderna de São Paulo (MAM), entre os dias 04 de setembro a 28 de novembro de 2021, integrando a programação expandida da 34ª Bienal de São Paulo. Esbell traz para sua curadoria a experiência de curadoria que inaugurou em Boa Vista, nas edições do Encontro de Todos os Povos. O convite para a participação na Bienal veio para o artista indígena makuxi Jaider Esbell, para que este fizesse uma exposição individual de suas obras, diante da proposta Esbell inicia um caminho de negociações, como nos conta Paula Berbert (2021)<sup>8</sup>:

8 Paula Berbert é etnóloga e acompanhou Esbell nos últimos 2 anos de vida

Em dezembro de 2019, Jaider Esbell recebe um segundo convite dos curadores da Bienal de São Paulo. Depois de ter sido chamado a compor como artista a 34ª edição dessa importante mostra, a proposta era que ele ampliasse sua participação no evento, organizando uma exposição própria que seria realizada em uma das instituições parceiras da programação expandida da Bienal. Ainda sem a definição sobre o espaço que acolheria seu futuro projeto, Jaider se lançou ao desafio com a certeza de que não faria sentido, como membro indissociável de suas comunidades de origem, elaborar uma proposta individual. Ele sabia, desde o primeiro instante, que estava diante da oportunidade de organizar uma exposição coletiva de arte indígena contemporânea. As costuras institucionais continuaram e dias depois chegou a confirmação de que tal proposição seria realizada junto ao Museu de Arte Moderna de São Paulo, um outro espaço eminente para o sistema da arte não indígena. (Berbert, 2021, p. 22)

Assim aconteceu a maior mostra de arte indígena organizada por Jaider Esbell por meio da Galeria Jaider Esbell de Arte Indígena Contemporânea. A exposição contou com obras de artistas indígenas de Roraima e de outras regiões do Brasil, dentre os artistas estavam: Isaias Miliano, Carmézia Emiliano, Bartô, Davy Kopenawa, Daiara Tukano, Ailton Krenak, Chales Gabriel, Joseca Yanomami, Armando Mariano Marubo, MAHKU, Denilson Baniwa, Bernaldina José Pedro, Bu'ú Kenned, Carlos Papá, Isael Maxakali, Fanor Xirixana, Rivaldo Tapirapé, Sueli Maxakali, Nei Leite Xakriabá, Elisclésio Makuxi, Yermollay Caripoune, Paulino Joaquim Marubo, Gustavo Caboco, Antonio Brasil Marubo, Dalzira Xakriabá, Arissana Pataxó, Rita Sales Huni Kuin, Vernon Foster, Amazoner Arawaki. Mario Flores Taurepang, Luiz Mateus, Diogo Lima, Yaka Huni Kuin e Jaider Esbell.

---

registrando a cosmovisão do povo indígena makuxi e a representação destas nas produções artísticas de Jaider. Berbert também atuou como Diretora de Projetos da Galeria Jaider Esbell de Arte Indígena Contemporânea no período de 2021 a 2023.

A participação dos artistas indígenas de Roraima, na 34º Bienal de São Paulo, redimensionou o campo da arte no estado, inserindo novos artistas indígenas no cenário nacional. Esse movimento trouxe visibilidade às questões vividas pelos povos indígenas de Roraima e da região circum-roraimense, mostrando a muitos indígenas uma possibilidade de vida e sobrevivência financeira por meio da arte. Vale lembrar que muitos indígenas acabam se envolvendo com o garimpo ilegal como forma de subsistência e a possibilidade de produzir a sua arte, e viver dela, é libertadora e emancipadora em vários sentidos, pois possibilita também que povos ensinados a se reconhecerem como marginais se percebam protagonistas da sua história e reconhecidos na sua cultura e cosmovisão.

Infelizmente Jaider Esbell não fica nesse plano até a data de encerramento da mostra “Moqué\_m\_Surañ: arte indígena contemporânea”, pois se encantou<sup>9</sup> em 02 de novembro de 2021. Devido esse acontecimento, algumas ações programadas pela Galeria Jaider Esbell em parceria com a Fundação Bienal não foram efetivadas, como por exemplo, a visita de uma comunidade indígena onde estava sendo desenvolvido projetos educativos da galeria. Mas, os frutos dessa caminhada ainda são colhidos em Roraima por meio de parcerias e ações que a Galeria Jaider Esbell de Arte Indígena Contemporânea vem desenvolvendo. Em 26 de julho de 2024 a Universidade Federal de Roraima (UFRR) concede o Título de *Doutor Honoris Causa* à Jaider Esbell como reconhecimento a sua luta e contribuição para estado e para o país. No dia 20 de agosto de 2024 ocorre a cerimônia de entrega do Título à dona Zenilda Sarmento, mãe de Jaider Esbell. No dia seguinte a Galeria Jaider Esbell de Arte Indígena Contemporânea reabre suas portas, depois de 3 anos fechada, com uma exposição coletiva reunindo parte dos artistas indígenas integrantes do

9 Encantado é o termo usado na Cosmovisão Makuxi para se referir ao falecimento de uma pessoa.

grande “coletivo” que deu vida ao “Encontro de Todos os Povos” e a mostra “Moquém\_Surari: arte indígena contemporânea”. Nesta mesma noite a galeria anuncia sua equipe, projetos em curso e suas parcerias com a Galeria Millan e com a Amoa Konoia.

Além da exposição dos trabalhos dos artistas indígenas, a galeria tem fomentado diversos espaços: como oficina de imersão, aproveitando a produção de roteiro para um filme sobre Jaider Esbell, com indígenas Ingaricó, Patamona, Macuxi, Wapichana, possibilitando a curadoria de indígenas de exposições, criando espaços de divulgação ao proporcionar encontros de curadores com artistas indígenas, dando sequência na dimensão coletiva e demarcatória do protagonismo indígena.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Galeria Jaider Esbell de Arte Indígena Contemporânea é um espaço expositivo que é luta, é a armadilha de denúncia e anúncio. Denúncia da mortandade da floresta e de seus povos e do anúncio de homens e mulheres que não querem apenas sobreviver. Exigem protagonismo nos mais diversos espaços: educacionais, culturais, etc. Defendem seus saberes, suas culturas, seus modos de vida, tão diversos entre si. Falando línguas distintas sabem que não há saída à fome do capital que não passe pela luta coletiva.

A arte é mais um espaço de luta e a galeria uma trincheira que acolhe os parentes<sup>10</sup> e os prepara para a jornada de denúncia e anúncio. A galeria, por meio da atuação de Jaider Esbell, possibilitou que os parentes denunciasses sua situação e anunciassem suas riquezas longe, na Terra Indígena Raposa Serra do Sol e na Bienal de São Paulo; em Boa Vista-RR e na Bienal de Veneza.

Em um estado em que os indígenas mais sofrem com as necessidades do capital, foram justamente eles que se apropriaram da arte

---

10 Forma como os indígenas se referem a outros indígenas.

caraiwa, a usam como arma de denúncia, como armadilha, tornaram-se referência nas artes, organizaram-se e se organizam coletivamente, antes no entorno da Galeria e de Jaider Esbell, hoje com a Galeria, mas também com o que cada um e cada uma carregada em si, do artista que a criou.

## REFERÊNCIAS

BERBERT, Paula. Pedagogias da Transformação. In: **Catálogo da Exposição MOQUÉM\_SURARÎ: ARTE INDÍGENA CONTEMPORÂNEA**. Ministério do Turismo, Secretaria Especial da Cultura e Governo do Estado de São Paulo, por meio da Secretaria de Cultura e Economia Criativa, Fundação Bienal de São Paulo e Museu de Arte Moderna de São Paulo. 2021.

COMISSÃO NACIONAL DA VERDADE. **Relatório: Textos Temáticos**. Brasília: CNV, 2014.

ESBELL, Jaider. **A década da Arte indígena contemporânea**. Daiara Tukano, na Rádio Yandê, conversa com Jaider Esbell, Denilson Baniwa e Naine Terena. 1 vídeo (1h 5min), realizada em 20 de abril de 2020. Disponível em <<https://www.facebook.com/jornalistaslivres/videos/2607154026272045> >. Acesso em 12 fev.2021.

ESBELL, Jaider. Eu sonho em ter um grande caminhão para colocar todo mundo dentro e passar um mês numa aldeia, um mês na outra, para construir essa cultura coletiva. **MUNDO AMAZÔNICO** 5, 2014.

ESBELL, Jaider. Índios: identidades, artes, mídias e Conjunturas. **Dossiê Revista Em Tese**, Belo Horizonte, v 22, n 2. Maio-Agos. 2016.

ESBELL, Jaider. **Exposição EPU-TÎTO – Artes e indígenas hoje –** Textos da curadoria. Site do artista, 2017. Disponível em: <http://www.jaideresbell.com.br/site/2017/06/02/exposicao-epu-tito-artes-e-indigenas-hoje-textos-da-curadoria-3/>. Acessado em: 24 de abril de 2025

ESBELL, Jaider. O'Ma'Kon – bicharada – reunião de bichos. In: **Catálogo da Exposição MOQUÉM\_SURARÎ: ARTE INDÍGENA CONTEMPORÂNEA**. Ministério do Turismo, Secretaria Especial da Cultura e Governo do Estado de São Paulo, por meio da Secretaria de Cultura e Economia Criativa, Fundação Bienal de São Paulo e Museu de Arte Moderna de São Paulo. 2021.

ESBELL, Jaider. (**Recado para quem vem buscando “dar espaço” para a arte indígena contemporânea, e para a figura do artista indígena: toda**). Página de Facebook publicada em 24 de novembro de 2019. Recuperada em 24 de Abril de 2025. [https://www.facebook.com/jaider.esbell?locale=pt\\_BR](https://www.facebook.com/jaider.esbell?locale=pt_BR)

HADJINICOLOU, N. **História da arte e luta de classes**. São Paulo: PalavraPalavra, 2024.

FUNAI. Povos Isolados. In.: <https://www.gov.br/funai/pt-br/atuacao/povos-indigenas/povos-indigenas-isolados-e-de-recente-contato-2/povos-isolados-1>. Acessado em: 14/03/2025.

MARINI, Ruy Mauro. **Subdesenvolvimento e revolução**. Florianópolis: Insular, 2017.

OLIVEIRA, V. L.. Quem leciona artes? A precária e desigual contratação de licenciados em alguma linguagem de artes como o típico da situação brasileira. **European Review of Artistic Studies**, v. 15, p. 1-16, 2024.

PANCORBO, A. Breve História do Museu de Prado. In.: **O guia do Prado**: Museu Nacional do Prado. Madrid: 2016.

Submetido em: 05/07/2025

Aceito em:14/08/2028

Publicado em:28/10/2025